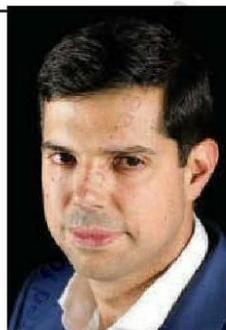


EDITORIAL

ANDRÉ VERÍSSIMO

Diretor
averissimo@negocios.pt



Caiu o muro no ensino da Medicina

Talvez até nem seja um exclusivo nacional, mas Portugal tem esta excentricidade de se falar amiúde da falta de médicos, mas haver uma profunda aversão à abertura de novas vagas ou cursos de Medicina.

A rejeição voltou a ser manifestada a propósito da aprovação do curso da Universidade Católica, que será o primeiro a ser ministrado por uma instituição de ensino privada. Para ver a luz do dia foram as passas do Algarve: só à 12.^a tentativa e dez anos depois é que a universidade foi bem-sucedida. Agora, finalmente, o muro caiu. Mas apenas para 50 vagas, contra as 100 pretendidas.

A Ordem dos Médicos, que deu parecer negativo à criação do curso, acenou logo com o cenário do desemprego. Fausto Pinto, reitor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e presidente do Conselho das Escolas Médicas Portuguesas, considerou a decisão “uma cedência ao poder político” e arrasou, em declarações à Rádio Observador, a pretensão da Católica: “O ensino privado vai prejudicar a qualidade da medicina praticada.” O objetivo é evidente: tentar matar a iniciativa à nascença. É paradoxal que uma classe para quem a prática privada é tão relevante faça vista tão grossa ao ensino privado da profissão.



Data: 08.09.2020

Titulo: Caiu o muro no ensino da Medicina

Pub: JORNAL DE
negócios

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 3

 **QuickCom**
comunicação integrada

O travão à abertura de vagas já tinha conhecido outro episódio este ano. Em julho, ficou-se a saber que as faculdades não abriram sequer uma das 225 novas vagas autorizadas pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. A justificação foi que não havia condições nas instituições de ensino, inclusive de espaço físico, para o fazer.

Portugal tem um dos rácios de médicos por habitante mais elevados da OCDE. E, no entanto, são frequentes as queixas sobre a falta de médicos de família, médicos nas urgências, médicos no interior, médicos de saúde pública, médicos em várias especialidades. As listas de espera para cirurgias no SNS e outros atos médicos críticos, que em muitos casos ultrapassam o tempo recomendado, também nos dizem que falta capacidade de resposta, ainda que ela não decorra apenas do número de médicos.

Há outros entraves relevantes a ultrapassar, como o aumento da capacidade de formação nas especialidades, mas o que sobressai é um movimento corporativo que procura a todo o custo manter relativamente escasso um recurso essencial. Ora a escassez faz com que ele seja mais caro, proporcionando tendencialmente mais rendimentos à classe.

O longo processo de formação e a responsabilidade da profissão recomendam que o nível remuneratório seja atrativo, em nome da qualidade da medicina. Mas certamente é possível encontrar um equilíbrio que conjugue melhor estas exigências e as de uma sociedade com uma população cada vez mais envelhecida e carente de cuidados de saúde. ■



Área: 277cm² / 29%

Tiragem: 16.981

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6936619